

O FUTEBOL NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: RACIALIZAÇÃO E PROTAGONISMOS DA COMUNIDADE NEGRA EM JAGUARÃO NA DÉCADA DE 1930

FOOTBALL ON THE BRAZIL-URUGUAY BORDER: RACIALIZATION AND PROTAGONISMS OF THE BLACK COMMUNITY IN JAGUARÃO IN THE 1930S

Caiuá Cardoso Al-Alam*
caiuualam@gmail.com

RESUMO: Pretendo, neste texto, pensar uma história social do futebol experienciado pela comunidade negra no interior do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai. Abordarei a questão racial como uma centralidade no desenvolvimento deste esporte na primeira metade do século XX na fronteira, com foco na década de 1930. Pretendo evidenciar o quanto o esporte se desenvolveu, mas sendo pautado pela eugenia e pelo processo de racialização na sociedade. Neste sentido, estarei também caracterizando os clubes de futebol que estavam vinculados à comunidade negra de Jaguarão, os estádios e campos onde jogavam as partidas, a abordagem da imprensa, nomes de jogadores, as atividades de sociabilidade dos clubes para além do jogo de bola. Evidenciar a experiência histórica da comunidade negra no futebol, é observar a luta contra o racismo e as formas de inserção positiva de uma identidade racial naquela sociedade extremamente racializada.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Racialização; Fronteira.

ABSTRACT: In this text, I intend to think about a social history of football experienced by the black community in the interior of Rio Grande do Sul, on the border with Uruguay. I will address the racial issue as a centrality in the development of this sport in the first half of the 20th century on the border, focusing on the 1930s. I intend to show how much the sport has developed, but being guided by eugenics and the process of racialization in society. In this sense, I will also be characterizing the football clubs that were linked to the black community of Jaguarão, the stadiums and fields where the matches were played, the approach of the press, names of players, the sociability activities of the clubs beyond the ball game. Evidence of the historical experience of the black community in football is to observe the fight against racism and the forms of positive insertion of a racial identity in that extremely racialized society.

KEYWORDS: Soccer; Racialization; Frontier.

Era um 22 de março de 1933, quando numa partida de futebol em Jaguarão, cidade localizada na fronteira com o Uruguai, um jogador do time de futebol Diamantino, indignado com a torcida adversária, inflado provavelmente pela derrota que a sua agremiação estava sofrendo, reagira com um xingamento, afirmando que o adversário, o S. C. Juvenil, era um time “de negros”. O fato fora noticiado pela imprensa negra da cidade, que criticou a prática racista daquele jogador, que também era sargento do Exército, mas também o ironizava, afirmando que ele, mesmo querendo ser um branco, não o era¹. São estes processos de racialização, e da atuação das famílias negras no esporte futebol, que chamaram a atenção

* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor na Universidade Federal do Pampa.

¹ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 29 de janeiro de 1933.

para a construção deste texto, pensando os limites da cidadania impostos pelo racismo e as ações como mecanismos de afirmação cidadã do povo negro naquele contexto da década de 1930.

1. Pontapé inicial: Protagonismos negros em Jaguarão

Antes de entrar de fato na reflexão sobre o futebol, é preciso contextualizar esta comunidade negra de Jaguarão, cidade localizada no sul do Rio Grande do Sul, fronteira com o norte do Uruguai. Durante o século XIX, via conexão com a chamada “terceira perna” do tráfico transatlântico de escravizados (BERUTE, 2006), Jaguarão teve a presença de muitas pessoas em situação de escravidão. Até 1860, proporcionalmente ao tamanho das cidades, a localidade chegou a ter uma das maiores porcentagens de população escravizada em relação à população livre na província (AL-ALAM, LIMA, 2013). Trazidos para serem inseridos nos trabalhos da agricultura, pecuária, mas também nas práticas do comércio, a cidade contou com uma presença africana contundente, que se reverteu em uma comunidade negra expressiva ao longo dos anos.

As famílias negras tiveram uma tradição importante de lutas por liberdade e cidadania na localidade, que percorreu o século XIX (BOM, 2022), e também organizaram diferentes instituições, principalmente no Pós-Abolição, que culminaram com um associativismo forte. Houve uma Irmandade Nossa Senhora do Rosário fundada em 1860, que conduziu as principais ações de articulação do povo negro na cidade. Esta tradição católica, fez com que negros e negras se organizassem também dentro da Sociedade Operária Jaguareense, criada em 1911, e que estava vinculada a Igreja. A Sociedade matinha interesses de mediação nas relações de classes, “amenizando” os enfrentamentos, como na condenação da aproximação dos operários com o comunismo, por exemplo.

Posteriormente, esta tradição católica e as redes de famílias vinculadas a ela, fundaram em 1918, o primeiro clube social negro da cidade: o Clube 24 de Agosto. Esta instituição ainda hoje atua em Jaguarão, e além dos bailes, festividades, mantinha práticas em sua sede relacionadas ao letramento, palestras, possuía uma biblioteca, e participava fortemente do carnaval, com o tradicional Cordão Carnavalesco União da Classe, fundado em 1924 (NUNES, 2010). Práticas que tinham como objetivo sistematizar a organização da comunidade negra para ter acesso a melhor qualidade de vida, fortalecendo uma identidade racial negra positiva lutando contra o racismo. Além do Clube 24 de Agosto, na cidade ainda

existiu o Clube Recreativo Gaúcho, fundado em 1932, e o Clube Suburbanos, fundado em 1962, ambos hoje extintos.

Interessante salientar, que havia uma tradição de organização da comunidade negra a partir do catolicismo, mas certamente havia dissonâncias, que apresentavam outras posturas, inclusive mais radicais se tratando de movimento operário. Portanto, Jaguarão neste contexto da reflexão sobre o futebol na fronteira, tinha uma comunidade negra que já mantinha a longo tempo uma tradição de práticas e organizações de luta por cidadania, e que também mediavam estes agenciamentos junto às comunidades negras do norte do Uruguai (AL-ALAM, OLIVEIRA, 2021).

2. O futebol na fronteira com o Uruguai: outras conexões

O futebol tem sido um tema cada vez mais estudado no campo da História Social. Dentro deste objeto de abordagem, tem se destacado também trabalhos que buscaram traçar as práticas deste esporte sendo realizadas pelas comunidades negras no Brasil e também no Rio Grande do Sul. Neste Estado, um exemplo recente da vinculação da História Social do futebol com o campo do Pós-Abolição, foi realizada por Taiane Anhanha Lima (2023) para o caso da cidade de Santa Maria. Destacam-se ainda os estudos sobre ligas específicas para jogadores negros, como a Liga José do Patrocínio em Pelotas (MACKEDANZ, 2016), e a Liga Nacional de Football Porto Alegrense, chamada pejorativamente de “Liga da Canela Preta” (DAMO, 2002; SANTOS, 2008), em Porto Alegre. Para algumas outras regiões do interior do país, e até mesmo fronteiriças com outras nações, ainda são poucos os trabalhos que se detiveram na caracterização da forma como as comunidades negras vivenciaram a prática do futebol. É neste sentido, que pretendo pensar uma história social do futebol praticado e vivenciado pela comunidade negra no interior do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai.

Aliás, destacam-se alguns trabalhos que têm evidenciado a centralidade da expansão do futebol na região a partir do Prata, diferenciando-se daquelas abordagens que corroboraram o eixo Rio-São Paulo como irradiadores destas influências. É deste ponto de partida que pretendo trabalhar, evidenciando as mediações com a fronteira junto ao Prata, mais especificamente o Uruguai. Este trabalho pretende abordar a questão racial como uma centralidade no desenvolvimento do esporte futebol na primeira metade do século XX em

região de fronteira, com foco na década de 1930. Pretendo realizar uma abordagem sobre o protagonismo da comunidade negra nos clubes de futebol na cidade de Jaguarão, que faz fronteira com o norte do Uruguai. Ainda, evidenciar o quanto o esporte se desenvolveu, mas sendo pautado pelo processo de racialização na sociedade. Neste sentido, estarei também evidenciando os clubes de futebol que estavam vinculados à comunidade negra de Jaguarão. Buscarei, portanto, mostrar o quanto esta comunidade ocupou o espaço da prática do futebol, construindo ações associativas e que culminaram com políticas e relações sociais, que foram fundamentais para a demarcação da cidadania do povo negro naquela região. Farei a análise a partir da imprensa vinculadas às elites da cidade, mas também junto a imprensa negra na localidade, com a presença do Caderno “O Jaguareense”, disponibilizado no jornal “A Alvorada” da cidade de Pelotas, entre 1932 e 1933. Evidenciar a experiência histórica da comunidade negra no futebol, é observar a luta contra o racismo e as formas de inserção de uma identidade racial positiva naquela sociedade extremamente racializada.

José Nunes Orcelli (2005, p.23) aponta para 1903 o surgimento do primeiro time de futebol na cidade de Jaguarão: o Club Sportivo Jaguareense, fundado no dia 1º de julho. O time ainda aparece na década de 1910, em edital de assembleia geral, datado de maio de 1916, realizada nas dependências do Club União Caixeiral². O que evidencia ter permanecido por algum tempo existindo na cidade. Segundo o mesmo autor, a primeira partida de futebol em Jaguarão, teria ocorrido em 1902. Teriam desembarcado no porto da cidade, de um navio com nome South Africa, cerca de 40 marinheiros ingleses que, ao se surpreenderem por naquela localidade já ocorrer o “jogo de bola”, propuseram uma partida. O jogo foi na antiga Praça das Carretas, onde ficaria posteriormente a Viação Férrea da cidade. Importante salientar a surpresa dos ingleses ao perceberem que a experiência do “jogo de bola” já era uma realidade naquela pequena localidade fronteiriça. Luiz Carlos Rigo cita a fundação de outro clube de futebol na cidade, em 17 de junho de 1906, o Foot-ball Sport Jaguareense, que teria enviado ofício ao Sport Club Internacional da cidade de Pelotas, informando a criação da instituição naquela localidade (RIGO, 2004, p. 84).

Para termos uma ideia do quanto são interessantes estas informações, o time mais antigo do país é o Esporte Clube Rio Grande, o “Vovô”, fundado em 1900. Logo, poucos anos depois, portanto, o futebol já estava sendo realizado e formalizado na terra fronteiriça de

² Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (IHGJ). Jornal A Situação. Dia 16 de maio de 1916.

Jaguarão. Talvez isto seja explicado por Rio Grande e Jaguarão estarem inseridas em um contexto Atlântico, que acabou fazendo da região das lagoas e seu estuário, espaços conectados. Importante enfatizar que Rio Grande era a porta para o Oceano via Lagoa dos Patos, e o Rio Jaguarão, onde a cidade de mesmo nome está inserida, estava conectada a Lagoa Mirim, que via Canal São Gonçalo, chegava até a aquela zona estratégica. Isto tudo explicou por muito tempo também a conexão que evidenciou a entrada de milhares de africanos/as escravizados/as, que povoaram o sul do hoje Rio Grande do Sul, fortalecendo estas regiões como características de localidades com população negra contundente, entendidas como cidades negras (AL-ALAM, OLIVEIRA, 2021). Esta inferência é importante pois a conexão atlântica, que evidenciou a diáspora africana para a região do sul do país, também parece ter sido responsável pela disseminação da prática do esporte. Além da importância do porto de Jaguarão, que estava conectado com o Atlântico via porto de Rio Grande, e por outro lado, conectado com o Uruguai via Lagoa Mirim, naquela região fora fortalecida uma rede cultural, estabelecida desde o século XIX, de uma rota de companhias artísticas que circulavam de Buenos Aires, Montevideu e seguiam via litoral do Rio Grande do Sul (Jaguarão-Pelotas-Porto Alegre) (CUNHA, 2015). O futebol foi disseminado nesta interação.

Gilmar Mascarenhas (2014) contribuiu provocando para que relativizássemos a ideia central de que foi fundamentalmente a região do sudeste que deu sentido à disseminação do futebol no país. O autor nos convida a pensar que houve diferentes tipos de “entradas” ou experimentações/consolidações do esporte nas diferentes regiões do Brasil. Um dos espaços que teve uma singularidade foi a fronteira sul com o Prata. O próprio caso de Jaguarão ilustra que o porto da cidade estava conectado com marinheiros e mundo do trabalho inglês, mas também compunha rota com o Prata, um espaço extremamente marcado pelas conexões com o Atlântico e com diversas partes do mundo. Gilmar Mascarenhas evidencia esta equação dos portos com a presença/influência dos ingleses, inclusive responsável pela disseminação do esporte no próprio continente europeu, como na França e na Espanha. Enquanto no Brasil, em 1900 ainda não existia nenhuma liga de futebol, Argentina e Uruguai, o eixo do Rio da Prata, já realizavam “eventos futebolísticos” na virada do século XIX para o XX (MASCARENHAS, 2014, p. 45). O futebol chega em Jaguarão, na fronteira com o Uruguai, a partir destes dois mecanismos privilegiados pelo seu

porto: a conexão com o Prata e com o mundo Atlântico. Espaços que marcaram também o local como extremamente contundente na experiência da diáspora africana.

É muito importante também destacar a importância que teve a viação férrea na disseminação da sociabilidade e redes de contato do futebol (LIMA, 2023), além também das conexões entre as comunidades negras organizadas, como as vinculadas à imprensa negra (FRANCO, 2023). Jaguarão teve sua estação férrea inaugurada em 1932, sendo utilizada para as excursões dos clubes para o interior e também para o Uruguai, pois havia um ramal de trilhos que, a partir da ponte sobre o rio Jaguarão, conectava a rede férrea Brasil-Uruguai.

Neste sentido, que pensarei a disseminação do futebol na fronteira, conectado com as experiências do Prata e da diáspora africana, exemplificada na participação da comunidade negra no futebol. Espaço que também foi extremamente marcado pela luta por cidadania. Se por um lado as elites pautavam o processo de higienização a partir do esporte, por outro, a comunidade negra utilizava o futebol como espaço de demarcação de sua representatividade positiva enquanto comunidade. No Uruguai, segundo Mascarenhas, principalmente Montevideú, as elites “[...] escolheram o futebol como via privilegiada de ‘exercício atlético’ e como forma de a ‘raça latina’ adquirir força e confiança” (MASCARENHAS, 2014, p. 46). Interessante, que o Club Nacional de Football, time referência do futebol uruguaio, foi fundado em 1899 por um grupo de estudantes de medicina, o que denota a expansão do futebol por parte das elites enquanto esporte capaz de expandir a pauta da eugenia, que buscava supostamente “aprimorar” a espécie humana a partir do controle social.

Quando observamos as fontes da imprensa na cidade de Jaguarão, ficam evidentes as conexões com diferentes comunidades, das cidades vizinhas brasileiras e uruguaias. Já em 1916, o Sport Club Diamantino jogava contra o S. C. Uruguayo, da cidade vizinha de Rio Branco, na praça Tiradentes às 13h da tarde.³ Cidades do norte do Uruguai, como Vergara, Treinta y Trés, Rio Branco, e a capital Montevideú, estavam conectadas com jogos junto às equipes de Jaguarão. Não eram apenas jogos de futebol, mas trocas culturais entre as comunidades, pois os contatos eram investidos de bailes, recepções com churrascos, rituais

³ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 16 de setembro de 1916.

de sociabilidade para além do futebol⁴. Em 1941, o Sport Club Cruzeiro foi a Vergara jogar com o time uruguaio Vergareense F. Clube e perdeu de 3 a 1.⁵ Quatro anos antes, tinha sido o Vergareense, de Vergara no Uruguai, jogar em Jaguarão com o Gremio Sportivo Harmonia⁶. Em 1936, o Sayago Ferro Carril Footblal Club, de Montevideo, viera a Jaguarão jogar contra o time Gremio Sportivo Harmonia⁷. No mesmo ano, o 33 Football Club, da cidade de Treinta y Tres do Uruguai, viera a cidade para jogar contra o Gremio General Osorio⁸. Ainda em 1936, o Sport Club Cruzeiro fora a cidade de Treinta y Tres.⁹ Exemplos para cidades da região, como Pelotas, Arroio Grande, Santa Vitória do Palmar e Bagé, também ocorreram, como quando o time do Regimento Ozorio foi jogar contra o Grêmio Bagé pelo campeonato regional naquela cidade de mesmo nome.¹⁰

3. Os times de futebol da comunidade negra da fronteira

Em relação à comunidade negra, é importante dizer que na pesquisa ainda não foi encontrada uma liga em específico para jogadores negros, como a Liga José do Patrocínio em Pelotas. Mas é possível dado a intensidade do associativismo negro na cidade de Jaguarão (AL-ALAM, OLIVEIRA, 2021) e a segregação racial presente na região, o que pode ter ocorrido nas duas primeiras décadas do século XX. O que observamos é a criação de uma liga geral municipal: a Liga Atlético Jaguareense em 1929. Ela congregou as atividades dos clubes de futebol da cidade. Em 1935 foi criada a Liga de Amadores, que se analisando os nomes dos times de futebol inseridos nela, foi fundamentalmente focada no movimento operário e provavelmente também praticada por jogadores negros, já que a comunidade constituía grande percentual da classe trabalhadora da região. Times como S.C. 20 de

⁴ Em 1916, na cidade, já aparece um anúncio de uma loja com vendas especializadas para a prática do futebol. Nele, há um jogador de futebol com uma bola no ar, e remete a uma loja na cidade uruguaia de Rio Branco. O anúncio, da Casa Azpiroz, em espanhol, diz: “Completo surtido de útiles para football como ser: Pelotas, Pneumáticos, Calzados, Camisetas, Canilleras, Infladores”. Evidencia as trocas de influências na fronteira, e certamente os times de futebol brasileiros da cidade de Jaguarão, adquiriam uniformes e outras peças fabricadas no Uruguai. IHGJ. Jornal A Situação. Dia 9 de maio de 1916.

⁵ IHGJ. Jornal A Folha. Dia 28 de agosto de 1941.

⁶ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 1 de setembro de 1936.

⁷ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 14 de agosto de 1937.

⁸ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 11 de junho de 1936.

⁹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 15 de agosto de 1936.

¹⁰ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 14 de setembro de 1935.

Setembro, S. C. Operário, S. C. Bom Sucesso e S.C. Penharol foram descritos participando desta.¹¹

Importante destacar que conforme analisamos os registros fotográficos dos times de Jaguarão, desde a década de 1910 jogadores negros figuram pontualmente nas fotos, misturados aos jogadores brancos, aumentando exponencialmente na década de 1930.

É nos anos 30 do século XX, que a historiografia aponta o processo de profissionalização do futebol brasileiro. Arlei Damo alenta que a transição do amadorismo para o profissionalismo, com a questão da preparação física, aproximou a classe trabalhadora do futebol. Analisando relatos de dirigentes de futebol de Porto Alegre, observou que por parte dos brancos da classe média, jogar com jogadores negros, era tolerável, mas treinar nem tanto, concentrar então, fora de cogitação (DAMO, 2005, p. 295). Este processo de profissionalização não foi marcado pelo fim do racismo, e os jogadores negros que eram integrados às equipes, sofriam muita pressão, por terem que ser melhores que os brancos para legitimarem suas presenças. É na mesma década de 1930, no Rio de Janeiro, que Luiz Guilherme Rocha, observa que os dirigentes, pertencendo às elites, começam a se distinguir em relação aos jogadores, vindos das camadas baixas (2013, p. 33). Segundo o mesmo autor, esta foi uma marca do profissionalismo do futebol no país, havendo um desengajamento das elites no jogo do futebol e ascensão do envolvimento cada vez maior da classe trabalhadora (ROCHA, 2013 p. 43).

Certamente que, posteriormente, com um crescente do discurso da suposta democracia racial brasileira, o jogo de futebol incorporou ainda mais os jogadores negros, não sem a continuidade de práticas e concepções racistas, chegando em 1950 com a primeira Copa do Mundo sediada no Brasil, sendo símbolo de um pretense orgulho da identidade nacional (FRAGA, 2014). Em Pelotas, o Grêmio Esportivo Brasil foi campeão estadual em 1919, misturando pontualmente jogadores negros e brancos, fato repetido de forma mais ampla, pelo Vasco da Gama em 1923 no Rio de Janeiro (MASCARENHAS, 2014, p. 95), o que configura uma estratégia que obviamente não descortinava as práticas racistas. No caso do Brasil, em Pelotas, teve destaque o jogador “mulato Babá”, e Christian Mackedanz infere que a inserção tinha motivações na crise financeira do clube na época, aliada ao destaque da habilidade exercida pelos jogadores (MACKEDANZ, 2016, p. 88).

¹¹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 10 de setembro de 1935.

Houve um refinamento utilitarista do racismo naqueles contextos, mas é fundamental entender também o protagonismo dos jogadores negros neste processo. Outro debate, evidente, foi o fato de que os times organizados pelas comunidades negras jogarem contra os times das elites, demorou a acontecer.¹² Alguns times tiveram majoritariamente jogadores negros dentro da Liga Atlético Jaguareense. E observamos alguns demarcadores raciais importantes que caracterizam isso, que envolvem registros fotográficos, de trocas de correspondências ou indícios de apoios entre instituições, como com clubes sociais negros, narrativas preconceituosas da imprensa branca, e registros da imprensa negra. Serão estes que iremos explorar logo mais.

O Sport Club Diamantino, fundado em 1916, desde seu primeiro registro fotográfico que remete a esta época,¹³ já conta com jogadores negros em seu elenco (ORCELI, 2005, p. 29). No ofício da diretoria efetiva, empossada em 1916, enviado ao jornal *A Situação*,¹⁴ o texto destaca ser uma “nóvel sociedade composta de distintos jovens sportmans”.¹⁵ Provavelmente a equipe surgiu de segmentos mais abastados da sociedade jaguareense ou apoiada por estes, e posteriormente, com a entrada inclusive de jogadores negros, passou a ter apoio e participação da comunidade negra da cidade. O time era chamado de rubro-verde. Dos times, que não compunham os grandes quadros das elites da cidade, o S.C. Diamantino foi um dos primeiros a começar a construir um campo próprio, evidentemente que articulado a setores diversos da sociedade. A construção começou na chácara da Sra. Zeferina Lopes de Faria, “nas imediações do Ubatuba, entre a 24 de maio e a Coronel de Deus Dias”. O Prefeito, na época, inclusive emprestou o trator para a obra.¹⁶ Por muito tempo, o Diamantino jogou no campo do Prado Jaguareense, como o realizado contra o Uruguay Football Club em 1933.¹⁷ O Diamantino também executava outras tarefas que permeavam aspectos de construção e mobilização de laços entre suas comunidades via

¹² Simbólico é o caso do relato de Lupicínio Rodrigues sobre uma história que seu pai contava, da narrativa sobre o Internacional, clube tido como do povo em Porto Alegre, ter se oposto a inclusão do Rio-Grandense, time da população negra local, na Liga de Football Porto-Alegrense. Teria sido por isto que Lupicínio Rodrigues optara por torcer pelo rival Grêmio. Ver: SOARES, 2021.

¹³ Estes registros fotográficos se encontram no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

¹⁴ O jornal *A Situação*, foi vinculado ao Partido Republicano Riograndense, e circulou entre 1905 e 1937.

¹⁵ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 20 de junho de 1916.

¹⁶ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 22 de agosto de 1933.

¹⁷ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 22 de julho de 1933.

práticas culturais, como quando seus quadros fizeram seresta nas casas de admiradores e sócios do clube, noticiada na coluna “Trovadores” em 1924.¹⁸

O Esporte Club Militar, vinculado ao 9º Regimento de Cavalaria do Exército sediado na cidade, fundado em 1918, também contava com jogadores negros em seus registros fotográficos¹⁹ que remetem a década de 1920. O Exército, importante espaço de fixação na localidade de homens negros advindos de diversas regiões do estado e do país, foi território fundamental na presença e circularidade da comunidade negra. A ele esteve vinculado, por exemplo, os fundadores e depois diretores do Clube 24 de Agosto, primeiro clube negro da cidade, fundado em 1918.

Em Jaguarão, destacamos também o Gremio Sportivo General Osorio, fundado em 1934 por “elementos do glorioso Regimento Osório”.²⁰ Em anúncio para baile de arrecadação de fundos do Cordão Carnavalesco União da Classe, que seria no salão do Clube 24, instituição de sociabilidade negra a qual o grupo de carnaval estava vinculado, oportunizaram ofertas que foram sorteadas para o público.²¹ O time do Osorio teve destaque, jogando contra o 9º Regimento de Infantaria de Pelotas, que depois passou a ser chamado de Grêmio Atlético Farroupilha, na época campeão estadual em 1935, perdendo por 3 a 2.²² Jogou também contra o campeão da cidade de Bagé, o Guarany, perdendo para os visitantes por 3 a 2.²³ Em 1935, foi campeão da cidade em cima do Cruzeiro, tradicional equipe das elites de Jaguarão, partida que foi para a prorrogação, fazendo o Osorio o gol derradeiro. A festa tomou conta das ruas da cidade com a banda do Regimento Osório tocando e celebrando o título²⁴. O time do Osorio surgiu após a mudança do antigo 3º Regimento de Cavalaria Divisionário para o atual Regimento Osório²⁵. Antes, o Sport Club Militar havia sido extinto em 1930,²⁶ e provavelmente seus quadros e organizadores migraram para o Gremio Sportivo General Osorio naquela conjuntura. Importante destacar a participação das fileiras do Exército na prática do esporte, a instituição foi também importante na profissionalização do futebol através do desenvolvimento da questão física.

¹⁸ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 25 de setembro de 1924.

¹⁹ Localizados também no acervo do IHGJ.

²⁰ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 27 de dezembro de 1934.

²¹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 22 de outubro de 1936.

²² IHGJ. Jornal A Situação. Dia 25 de maio de 1935.

²³ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 26 de setembro de 1935.

²⁴ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 27 de agosto de 1935.

²⁵ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 27 de maio de 1933.

²⁶ IHGJ. Jornal Correio Elegante. Dia 18 de maio de 1930.

Segundo Damo, futebol e caserna também eram espaços próximos, pois masculinizados (DAMO, 2005, p. 296).

Outro time diretamente vinculado à comunidade negra de Jaguarão foi o Gaúcho Football Club.²⁷ Sua participação no campeonato da cidade parece ter sido curta. Provavelmente, o time estava vinculado ao segundo clube social negro a ser fundado na cidade, o Clube Recreativo Gaúcho, de 1932 (AL-ALAM, OLIVEIRA, 2021). Em outubro de 1933, o time de futebol Gaúcho foi jogar em Arroio Grande, cidade vizinha de Jaguarão. Era um sábado. Levaram seu primeiro e segundo quadro, que seriam os titulares e reservas. As partidas eram realizadas pelos times geralmente em dois jogos, envolvendo ambos os quadros. Os embates foram feitos contra o Sport Club José do Patrocínio, uma referência direta a uma das principais lideranças negras na luta pela abolição. Observa-se aí a conexão direta entre times das comunidades negras destas duas cidades vizinhas: Jaguarão e Arroio Grande. No jogo dos segundos quadros, o José do Patrocínio venceu por 4 a 0. No jogo dos primeiros quadros, depois da equipe local abrir o placar em 2 a 0, o Gaúcho se retirou de campo, encerrando a partida. Voltaram para a sua cidade no outro dia, num domingo à noite, certamente aproveitando o tempo para outras atividades de sociabilidade²⁸. O time do Gaúcho foi fundado no dia 22 de março de 1933,²⁹ tendo como presidente o senhor Alfredo Mendes e o secretário Alcibiades C. Ramos. Um ano antes, em 1932, havia sido fundado o clube social negro Clube Recreativo Gaúcho, o que denota a proximidade destas duas instituições e o vínculo com a comunidade do Clube. O Clube Recreativo Gaúcho era extremamente envolvido no carnaval, surgindo do Bloco Malandros do Amor. Já o Gaúcho Futebol Clube, mobilizava sua comunidade também a partir de bailes de quermesse, como o ocorrido no prédio da rua Carlos Barbosa com a João Pessoa em setembro de 1933.³⁰

O Esporte Clube Juvenil, outra equipe, parece ter sido o mais representativo durante a década de 1930 para a comunidade negra. No jornal da imprensa negra, que teve o maior tempo de circulação no país, o jornal A Alvorada (1907-65), existiu um caderno específico com notícias de Jaguarão. Chamava-se O Jaguareense e circulou entre 1932 e 1933 (AL-ALAM, 2020; FRANCO, 2023). Em uma coluna chamada “Cacei”, realizada pelo Dr.

²⁷ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 16 de dezembro de 1933.

²⁸ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 19 de outubro de 1933.

²⁹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 20 de abril de 1933.

³⁰ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 9 de setembro de 1933.

Caçador, feita provavelmente por Marcelino Costa, o que seria a coluna social de hoje em dia, e que tinha objetivo de denunciar o racismo na cidade e provocar na comunidade negra consciência de sua representatividade, encontramos muitas referências ao Juvenil. Inclusive intitulado como o “time dos negros”. O Juvenil, tratado como rubro-negro,³¹ colecionou diversos vice-campeonatos da Liga, em 1930, 1931, 1933, 1934, rivalizando com o Cruzeiro, criado em 1924 e representado como time das elites da cidade. Assim como os outros clubes sociais e times de futebol, o Juvenil organizava festivais de arte para arrecadar fundos, como foi em setembro de 1934.³² O ano de 1933 parece ter sido um campeonato com incisiva participação de jogadores negros, com a representação do Gaúcho, Juvenil, Diamantino. Observando as escalações, como as dos times Juvenil e Diamantino em julho de 1933,³³ observa-se que adotavam ainda o sistema 2-3-5, que geralmente representava um goleiro, dois zagueiros, três meio campos defensivos e cinco homens de frente (dois armadores, dois pontas e um centroavante) (NETO, 2002).

4. O futebol, a racialização e a eugenia: a Semana da Raça

Apresentados alguns times, importante destacar a conjuntura. A década de 1930 foi um contexto de reafirmação do projeto eugenista em âmbito mundial com a ascensão do nazi fascismo. O Brasil reproduziu esta perspectiva, e no estado do Rio Grande do Sul não foi diferente. Era uma pauta antiga, potencializada pelas teorias raciais do fim do século XIX e que ganhavam novo fôlego no início do século XX (SCHWARCZ, 1993), fortalecendo narrativas que exaltavam o mundo dos esportes como referência para a higiene social. A educação física tornou-se elemento chave para a exaltação da ideia de raça. No Rio Grande do Sul, a obra de João Salis Goulart, “A Formação do Rio Grande do Sul”, publicada em 1927, monumentalizava a “raça gaúcha”, idealizando um perfil societário originado nas estâncias, no chamado período de ouro da preia do gado, pautado pela higiene social e a eugenia. Em momentos da obra, o autor é enfático: “O Rio Grande do Sul, como todo o Brasil, é uma Babel de raças, muitas das quais de caracteres opostos, de psicologia antagônica, e que no grande cenário da terra gaúcha, no cadinho misterioso das seleções étnicas, vão apurando dia-a-dia as qualidades predominantes que hão de colocar o nosso povo entre os mais

³¹ No mesmo dia, o jornal noticiou também de que o Diamantino havia reforçado seu time com jogadores do extinto S. C. Militar. O que pode evidenciar a ida de jogadores negros que compunham os quadros do Exército para as fileiras do Diamantino. IHGJ. Jornal Correio Elegante. Dia 18 de maio de 1930.

³² IHGJ. Jornal A Situação. Dia 15 de setembro de 1934.

³³ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 22 de julho de 1933.

empreendedores, os mais enérgicos, os mais civilizados do mundo” (GOULART, 1985, p. 177). O trabalho de João Salis Goulart ainda pautava um discurso que evidenciaria uma suposta “democracia racial” na pampa gaúcha. Em que teriam se harmonizado as linhagens raciais que compuseram o chamado povo gaúcho, predominando a “[...] raça branca fundida com menor coeficiente de sangue indígena e africano”. Este trabalho de Goulart foi extremamente bem recebido na época, recebendo elogios de figuras como Monteiro Lobato, outro autor que operou com a eugenia, e embasou produções intelectuais, sendo assimilado nas escolas. Ou seja, organicamente articulado no Estado.

O futebol, como um esporte, era visto como elemento constitutivo da cultura física vinculada a eugenia. Leonardo Pereira aponta que a educação física e as escolas tinham um papel fundamental no início dos 1900 na estratégia da chamada “regeneração dos mestiços brasileiros”, no apoio ao desenvolvimento físico da nação (1998, p. 38-39). Os jogadores de futebol, e no início fundamentalmente das elites, estavam imbuídos, de realizarem a luta pelo esporte, elevando o “espírito e natureza na sociedade”, sendo necessário o exemplo como atores da “tarefa da transformação social” (PEREIRA, 1998, p. 58). Essa era a missão de jogadores, e “sportmans”, e da prática do esporte.

Em 17 de março de 1931, no jornal *A Situação*, em coluna intitulada “Desportos”, o colunista assinando com iniciais “N.L.”, fazia uma avaliação de que a prática dos esportes, principalmente o futebol e o tênis, havia esfriado na cidade: “Infelizmente aquele entusiasmo que animou por temporadas as nossas ‘melindrosas’ e os nossos ‘almofadinhas’ amantes do ‘footblall’ e do tênis, foi passageiro”. O autor, enfatizava o perfil do esporte nas elites da cidade: “Quando se fundaram nessa terra os clubs ‘Cruzeiro’, ‘Internacional’, ‘Diamantino’ e ‘Militar’ chegamos a imaginar que tínhamos dado um passo a cultura física”.³⁴ A referência à “cultura física” é mais um elemento do advento da eugenia. Outra coluna de jornal, no ano de 1933, enaltecia o esporte e afirmava que “[...] dele depende quase que exclusivamente o fortalecimento da nossa raça”.³⁵

Além do futebol, Jaguarão, uma cidade pequena, que em 1940 tinha cerca de 15 mil moradores, proporcionava uma larga opção de práticas de esportes. Certamente, efeito da aposta social na importância do esporte no jogo do higienismo racial. Em 1916, foi criado o “Club de Regatas Jaguareense”, sendo o Rio Jaguarão espaço privilegiado para a prática dos

³⁴ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 17 de março de 1931.

³⁵ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 20 de maio de 1933.

esportes, como remo e natação.³⁶ Havia também a prática do tênis, com canchas organizadas na cidade, como na rua General Osório esquina Cel. Deus Dias, e uma sociedade específica chamada Tennis Club Jaguarão³⁷. Ainda, havia outros espaços de sociabilidade dos esportes, como a prática da patinação, com espaço chamado Jaguarão Rink,³⁸ na rua 15 de Novembro nº 485, na esquina com Almirante Barroso, e corridas de ciclismo organizadas pela sociedade Sport Club Cyclista Jaguareense, que em 1937 organizara uma corrida “binacional” percorrendo as ruas de Jaguarão e da cidade uruguaia vizinha Rio Branco.³⁹ São exemplos do quanto o esporte era valorizado, e sua prática, apesar de seletiva e direcionada majoritariamente para as elites, também se estendia para os setores populares como constituinte da hierarquização de corpos e valorização racial.

Na década de 1930, o estado do Rio Grande do Sul realizava a Semana da Raça. Um ofício da Diretoria Geral de Instrução Pública, do governo de José Antonio Flores da Cunha, interventor federal no estado de 1930 a 1935, determinava o programa de educação física que deveria ser executado na Semana da Raça entre os dias 9 e 14 de outubro de 1933.⁴⁰ No folheto enviado ao jornal A Situação, continha instruções gerais, que faziam orientações “[...] com referência a uniformes, desfiles, exercícios físicos, bailados, jogos, cânticos e etc”. A atividade fora um sucesso para o governo, tendo a Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado, enviado carta elogiando a organização.⁴¹ As cidades, contando com comitê específico para isto, tinham que se organizar para as festividades exaltando a eugenia através do esporte, envolvendo escolas e outras instituições. No dia 31 de outubro de 1933, tomando toda a capa do jornal A Situação, com o título “A Semana da Raça”, era publicada a preleção feita por Luiz Dorval Lopes na atividade do dia 12, organizada pelo Colégio Elementar, intitulada “A educação física como elo harmonioso de confraternização”. O professor realizou introdução de temas, e comentou: “Raça nova, ainda em formação, a nacionalidade carece de conhecer-se a si própria, revelando às crianças, desde tenra idade, as suas páginas mais brilhantes e patrióticas; mas necessita ao mesmo passo fortalecer esses organismos que se abrem para a vida, dando-lhes a par de uma energia férrea, um corpo

³⁶ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 7 de novembro de 1916.

³⁷ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 8 de junho de 1933.

³⁸ IHGJ. Jornal A Situação Dia 8 de junho de 1933.

³⁹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 8 de abril de 1937.

⁴⁰ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 12 de setembro de 1933.

⁴¹ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 18 de novembro de 1933.

resistente; a par da inteligência a audácia; a par do caráter a saúde.”⁴² Exaltava também em diversos momentos do texto, os valores da fraternidade, parecendo conduzir seu argumento na linha que conformava aquela elite vinculada aos quadros Republicanos, o Positivismo, encerrando o texto da seguinte forma: “[...] o conhecimento da Verdade e os sentimentos de paz e de solidariedade humana, batendo-vos para que a harmonia do físico com o espírito, produza efetivamente esse elo grandioso de confraternização universal”.⁴³ Nesta caracterização do discurso realizado na Semana da Raça, numa das principais escolas da cidade, e publicado no jornal, observamos a teia de construção discursiva que vinculava o positivismo e a eugenia.

Em 1935, a Semana da Raça, foi organizada para a comemoração ao centenário da “Epopéia Farroupilha”. A partir das orientações da Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde, ela deveria ocorrer entre os dias 16 e 20 de setembro de 1935, tendo em síntese, um cronograma a ser executado na frente da Igreja Matriz, no largo que fica no centro da cidade. Previa que todas as manhãs, a partir das 9:30h, a execução do hino nacional fosse realizada por diferentes grupos ou bandas, e palestras realizadas por professoras da cidade, que tinham como temas “Ordem e disciplina”, “A saúde”, “O caráter”, “A recreação e divertimentos públicos”. As atividades ainda contavam também com formaturas de estudantes e execução de esportes, como voleibol, newcomb (variação do vôlei focado para meninas na época), jogos recreativos, bailados.⁴⁴

Na mesma conjuntura, havia uma forte veiculação das concepções higienistas que também eram reproduzidas pelo nazifascismo, objetivadas nas páginas dos jornais. Em notícia de 1934 no jornal *A Situação*, anunciando o início do campeonato municipal, era exaltada a “[...] opinião de um afamado higienista alemão que, em brilhantíssima alegação afirmou que uma cancha de football custa anualmente menos que uma cama de hospital”. A coluna do jornal informava que perante isso, a Comissão de Exercícios Físicos do Reich, presidida pelo ex-ministro Dr. Th. Lewald, havia solicitado aumento de verbas públicas para o exercício do esporte. O jornal enaltecia o gesto do burocrata do governo alemão, “[...] profundo conhecedor da transcendência social dos esportes, apresentou argumentos e

⁴² IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 31 de outubro de 1933.

⁴³ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 31 de outubro de 1933.

⁴⁴ IHGJ. *Jornal A Situação*. Dia 14 de setembro de 1935.

estatísticas de peso em favor da higiene e da saúde pública resultante da cultura física.”⁴⁵. Lewald, foi uma referência pela mobilização para a realização dos jogos olímpicos de 1936 na Alemanha, que teve como eixo a manifestação eugênica da suposta supremacia racial alemã.

A referência da pauta eugenista vinculada à experiência nazifascista, teve espaço “generoso” na imprensa e comunidade local. O que mostra o quanto foi enraizado o poder da propaganda daquele regime, mas que nem sempre foi reproduzido pelas pessoas no mesmo sentido pretendido pelos fascistas. Era comum as equipes de futebol realizarem festivais culturais para arrecadar fundos às equipes. São diversas notícias de festivais dos times na década de 1930, que eram realizados no principal espaço das artes no município, o Theatro Esperança (CUNHA, 2015), o que evidencia a mobilização política dos coletivos populares junto às elites do lugar.

Chama atenção a programação do Festival do S. C. Diamantino em 1936, que previa a exibição do filme “Mocidade Heróica”, anunciado como “[...] um dos grandes trabalhos da cinematografia moderna, que muito se recomenda”⁴⁶. O filme fora lançado em 1933 e era uma obra da propaganda nazista. Fora anunciado, no dia 26 de março, na capa do jornal A Situação, naquela altura já um órgão oficial do Partido Republicano Liberal, com uma foto de Hitler sentado em uma cadeira, ao lado de um oficial, e a imagem da bandeira nazista com a suástica no fundo. Sua história tratava de um jovem morto ao panfletar em um bairro pretensamente comunista. Como se sabe, a propaganda foi um dos principais recursos do fascismo para compartilhar os princípios conservadores e o racismo, como a eugenia, também entranhando na sociedade brasileira a partir do cinema. Importante referência para pensarmos o quanto, na época, o discurso racial monumentalizou-se na cidade e no país. Importa também reafirmar que os conjuntos de comunidades, realizavam diferentes mediações, das recepções dos discursos hegemônicos, e não estou afirmando que o time de futebol apoiasse o nazifascismo, provavelmente, inclusive, reproduziram o filme pois era tendência da época, um “grande trabalho da cinematografia moderna” como no anúncio. Ainda, é possível que a “matinê”, já programada no Theatro, fora colocada em última hora a serviço do levantamento de fundos ao time. Mas cabe lembrar o quanto algumas lideranças da Frente Negra Brasileira, após virar partido em 1936, como Arlindo Veiga dos Santos, se

⁴⁵ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 10 de novembro de 1934.

⁴⁶ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 28 de março de 1936.

aproximaram de algumas ideias do fascismo, incluindo em alguns panfletos e periódicos o termo “Raça” no lema “Deus, Pátria e Família”: Deus, Pátria, Raça e Família. Ainda, é fundamental enfatizar que havia polifonias nos movimentos negros, assim como o exercício de mediações políticas dentro da disputa da hegemonia institucional, para que não reduzamos a importância das organizações negras no período (DOMINGUES, 2007, p. 107).

O discurso eugenista já era, anteriormente à década de 1930, demarcado por outros referenciais políticos, largamente associado ao esporte futebol. No dia 26 de outubro de 1922, o jornal A Situação anunciava a primeira partida do campeonato municipal, e lamentava o esporte não ter tanta prática na cidade. Em determinado momento, fazem a seguinte insinuação:

Há, já, seguramente, uns 4 anos que Jaguarão não assiste, como outras cidades do nosso Estado, uma partida de football que empolgue e leve ao campo centenas e centenas de pessoas, porque ainda não fizeram do futebol cavalo de batalha e não lhe deram esse direito respeitável que possui na grande lista dos exercícios da cultura física. **Nossa terra que conta com uma mocidade sadia, sobre todos os pontos de vista**, merece indubitavelmente que possua dois ou três clubes desse apreciável esporte, que os ingleses tem como de melhor nos seus dias, e que franceses, argentinos, outros países do mundo cultivam-no com o melhor interesse como se vê nas crônicas que vem nos jornais.⁴⁷

Os grifos são nossos, para destacar o discurso eugênico, e que certamente a expressão “sobre todos os pontos de vista”, fazia referência a perspectiva higienista da saúde do corpo, mas também pautada pelo discurso racializado. Ainda, percebe-se que parece ter havido um hiato entre os anos de 1918 e 1922.

Em relação às mulheres, a imprensa na cidade de Jaguarão, fazia uma avaliação sobre a participação feminina nos esportes e no futebol, pautada pela eugenia. Com o título “A brasileira e os sports”, o jornal A Situação avaliava que as mulheres ainda não haviam definido os esportes preferidos. Propunha o abandono de práticas como do futebol, remo, natação, corridas, e a opção pelo tênis e o footing (caminhada), pois ganhariam em “[...] beleza física e robustez orgânica. Dessa forma, cooperarão para o fortalecimento da raça”. Continuava a coluna dizendo que estas opções de esportes “[...] praticados inteligentemente, asseguram uma perfeita circulação do sangue, cutis rosada e limpa, e sobretudo, a saúde, emprestando energia ao espírito, audácia, e otimismo para vencer na

⁴⁷ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 26 de outubro de 1922.

existência.”⁴⁸ Taiane Anhanha Lima (2021), nos convida a refletir onde estavam as mulheres negras nas descrições relativas aos espaços do futebol, inclusive como torcedoras, invisibilizadas pelo racismo nas páginas dos jornais brancos de São Paulo no começo do século XX. Aqui na notícia do jornal, podemos observar também que, na descrição do corpo feminino idealizado, há uma centralidade na mulher branca de “cútis rosada e limpa”, o que se torna demarcador do processo de racialização, sobre quais corpos eram idealizadas positivamente a raça (LIMA, 2021). Dito tudo isto, é importante destacar que a comunidade negra, tinha em seu seio, lideranças que questionavam as visões racistas, baseadas em suposta hierarquia racial. Rodolpho Xavier, fundador e um dos principais articuladores do jornal da imprensa negra (BALLADARES, 2019), *A Alvorada*, em suas colunas reagia ao discurso racista, garantindo que as “raças” eram iguais para ciência e que o que valia para ele, no jogo das hierarquias sociais, era a instrução.⁴⁹

5. A racialização e a afirmação de uma identidade negra positiva no futebol

Voltando ao campeonato de 1922, em 27 de outubro, era anunciado o torneio municipal, e os dois times que iriam disputar, o Sport Club Militar e a Sociedade Operária Jaguareense, eram duas instituições que tiveram participação direta da população negra da cidade. Ainda, uma outra pista importante: um dos jogadores da Sociedade era Theodoro Rodrigues, provavelmente um dos fundadores do clube social negro 24 de Agosto, que foi também diretor da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e da própria Sociedade Operária.⁵⁰ Um sujeito com nome de Theodoro Rodrigues aparece nomeado também em 1928, na inauguração do campo do Sport Club Cruzeiro do Sul, que seria o time mais vezes campeão da cidade na primeira metade do século XX, sendo um dos responsáveis por “refiar” (apitar) as partidas do “Torneio Initium”, sendo disputado pelos times America, Diamantinos, Militar e o próprio Cruzeiro.⁵¹ Em registro de 1919, há um Theodoro como jogador do Diamantinos,⁵² e em 1933 havia na escalação do Juvenil, um Theodoro como zagueiro,⁵³ pode ser este mesmo homem, que era um mediador importante da comunidade negra com as elites da cidade. Elementos importantes para pensarmos as articulações do povo negro da

⁴⁸ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 28 de maio de 1924.

⁴⁹ Bibliotheca Pública Pelotense (BPP). Centro de Documentação e Obras Valiosas (CEDOV). Jornal A Alvorada. Dia 19 de fevereiro de 1933.

⁵⁰ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 27 de outubro de 1922.

⁵¹ IHGJ. Jornal A Sombra Misteriosa. Dia 20 de setembro de 1928.

⁵² IHGJ. Jornal Tribuna do Povo. Dia 3 de maio de 1919.

⁵³ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 22 de julho de 1933.

cidade a partir do futebol, buscando afirmação social e lutando contra o racismo que condenava sua comunidade.

Aliás, a Sociedade Operária Jaguareense, instituição do associativismo católico fundada em 1911, e que foi fundamental para o povo negro, inclusive compartilhando sua sede junto ao recém fundado Clube 24 de Agosto na rua da beira do Rio Jaguarão, esteve vinculada ao início das práticas do futebol. Em 1916, teve em sua sede o local de concentração para o time Sportivo Jaguareense que jogaria partida em Arroio Grande, o que evidencia o quanto esta organização operária de base católica estava atrelada a prática do esporte na cidade⁵⁴. O futebol em Jaguarão, mesmo que tenha sido celebrado primeiramente pelas elites, teve sua propagação e também identificação com o mundo do trabalho, com o movimento operário inclusive, fundamentalmente aquele vinculado à tradição católica que trazia uma mediação grande com as elites, o que evidencia provavelmente, o quanto cedo os quadros populares já estavam sendo incorporados nas principais equipes do lugar, inclusive jogadores negros. Nas fotografias antigas da cidade, é possível observar que em equipes representativas para as elites, como o Cruzeiro e o Harmonia, a incorporação de jogadores negros foi extremamente lenta. Mas nas outras equipes, inclusive no Diamantino, um dos mais antigos, o processo foi diferente.

Em 1935, temos um exemplo de como se enxergavam as equipes de futebol. Era o Torneio Taça Bella Portenha, jogada no campo do Cruzeiro. O primeiro jogo entre o Gremio Ozorio e o Diamantino, seria “dedicado ao povo jaguareense e em homenagem ao belo sexo”. O segundo jogo entre Sport Club Cruzeiro e Gremio Esportivo Harmonia, “dedicado ao comércio desta cidade e da vila Rio Branco e em homenagem ao Regimento Ozorio”. Importante observar a relação que faziam entre homenagens e equipes envolvidas, vinculando Osorio e Diamantino ao povo e às mulheres, associando a perspectiva das hierarquias da sociedade. Já os dois clubes representativos das elites da cidade, vinculavam-se ao setor produtivo e exército.⁵⁵ O campeão acabou sendo o Harmonia, que venceu na final o Osorio por 2 a 1.⁵⁶

⁵⁴ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 28 de julho de 1916.

⁵⁵ IHGJ. Jornal A Trincheira. Dia 17 de abril de 1935.

⁵⁶ IHGJ. Jornal A Trincheira. Dia 24 de abril de 1935.

Marcadores raciais eram realizados pela imprensa branca, e conseguimos observar algumas indicações de como os times referidos neste texto tinham vinculações com o povo negro de Jaguarão. Em 1941, fora do contexto deste texto, mas extremamente importante ser inferido, na coluna “Comentarios Sportivos”, o colunista fala da partida entre Sport Club Mauá e Jaguarão E. C., debochando que a partida estava ruim, mesmo sendo “de graça”: “No domingo, Néca e Preto tiveram uma forte discussão que epilogou com um interessante assalto de box, felizmente sem maiores conseqüências. Nós não vimos nada; somente ao Preto...ficar branco”.⁵⁷ Uma ironia impregnada de leitura racista. Já em outros momentos eram inferidas as formas como a própria comunidade negra reconhecia quem era representativo, como no jogo do Diamantino contra o Cruzeiro, entre os quadros dos veteranos, em que o jogador do primeiro time, Carlucho, era chamado de “maravilha negra”⁵⁸. Esta é uma questão fundamental e tem sido debatida pela bibliografia do campo do Pós-Abolição, que é a perspectiva da racialização, não só simplificada na imposição do racismo do branco sobre as comunidades negras, mas também estratégia social de posituação por parte destes últimos naquela “sociedade de raças”, e que deve ser dimensionada no âmbito das relações sociais, a partir das posições e hierarquizações dos indivíduos na sociedade. O país, assim como as Américas, teve imposta uma hierarquização racial que estava perpassada pela ideia da cidadania, ou seja, quem tinha direito a ser cidadão, ter acesso a oportunidades e propriedade. Mas a racialização também foi utilizada pela comunidade negra, que operacionalizou a ideia de raça, mobilizando sua coletividade e lutas em prol de melhores condições de vida, de direitos e contra o racismo (OLIVEIRA, 2017).

Quando buscamos o jornal da imprensa negra, A Alvorada, no Caderno Jaguareense, que tratou especificamente das notícias da cidade, encontramos diferentes registros do futebol. Algumas destas, localizam a prática do esporte realizada por homens negros, de forma jocosa, como no caso a seguir: “O jovem Antão, no treino de futebol, dizendo aos seus colegas que ía se dedicar ao esporte. No couro você não dá seu Antão, treine para se firmar bem com a menina na rua General Marques. Dr Caçador”.⁵⁹ O time que mais foi registrado na coluna “Cacei”, coluna dedicada a comentários sociais como afirmado acima no texto,

⁵⁷ IHGJ. Jornal A Folha. Dia 21 de agosto de 1941.

⁵⁸ IHGJ. Jornal A Situação. Dia 20 de junho de 1933.

⁵⁹ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 25 de dezembro de 1932.

sem dúvidas foi o Juvenil. No dia 1º de janeiro de 1933, era registrada vitória da equipe: “Cacei no dia 25, o S.C. Juvenil conquistando mais uma vitória nos 1º e 2º quadros, contra o Brasil F.C., por 5x0 em ambos os quadros”.⁶⁰ O Juvenil também realizou partidas fora da cidade, como quando foram em excursão para Arroio Grande jogar contra o S. C. Cruzeiro daquela localidade⁶¹. Ainda, o clube mantinha relações com equipes do Uruguai: “Futebol. No dia 23 do mês findo, realizou-se no campo dos militares, mais um importante encontro entre o valoroso S.C. Juvenil e o destemido Guanderes F.B.C. Desse renhido embate saiu vencedor o Juvenil, vice-campeão da cidade, pela contagem de 2 a 0”.⁶² A instituição mantinha estratégias de mobilização de recursos financeiros para a execução do seu futebol, o que denota organização para driblar as dificuldades de se manterem tais equipes no campeonato municipal local: “Realizar-se-á no dia 12 do corrente, em um salão local, um pomposo baile em benefício dos cofres do S.C. Juvenil. Sabemos que uma esforçada comissão está se interessando, para que se revista do máximo brilhantíssimo esta noite de flores e alegria”.⁶³ Ainda, observamos que o Diamantino é tratado com proximidade, como quando anunciaram o confronto entre esta e o Juvenil: “No domingo passado o S.C. Juvenil, valoroso vice-campeão local, venceu por 2 a 1 o S.C. Diamantinos, também aguerrida esquadra desta cidade. Foi uma partida sensacional e empolgante, foi pena terem anulado o jogo dos 2º quadros”.⁶⁴

Mas a coluna “Cacei”, realizada por Dr. Caçador, mesmo com tom jocoso, foi importante referencial para comunidade negra tratando dos costumes desejados e condenados, e na denúncia do racismo. Como no caso abaixo:

Um certo sargento do 3º R. D. C. querendo dançar o valente na partida do S.C. Juvenil com o Diamantino, chegando ao ponto de dirigir insultos a assistência. Ora amigo, quem não quer se molhar não vai a chuva, nem parece um sargento, se não quisesse aguentar devia ter se retirado do jogo. Não vê que fica feio para um sargento? O que não vão dizer os paisanos e mesmo os soldados com a sua maneira incorreta? Acho que ficaria zangado se lá estivesse um ou mais membros femininos de sua família, e outro proferisse as palavras que você soltou boca fora sem olhar para os lados. Não viu que ali estavam famílias e não animais irracionais? **Caro amigo, o S.C. Juvenil por ser de negro como você disse, mostrou sua educação,**

⁶⁰ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 1 de janeiro de 1933.

⁶¹ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 1 de janeiro de 1933.

⁶² BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 7 de maio de 1933.

⁶³ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 5 de fevereiro de 1933.

⁶⁴ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 29 de janeiro de 1933.

quanto a você querendo ser branco, mas que não é; não acha triste praticar papéis de tal natureza, onde demonstrou claramente precisar de procurar um professor de português para educar-se, e mais tarde ingressar em meios onde com o seu conhecimento firme possa sair-se com galhardia e distinção.⁶⁵

O leitor deve ter percebido, que retomamos a história que começa este texto. Grifos na parte que Dr. Caçador enfatiza concordar com o epíteto do Juvenil ser time “de negro”, e depois condenar a ação racista. Apontava, como fazia Rodolpho Xavier, a educação como princípio para o combate, tanto ao comportamento agressivo, como também ao racismo. Aliás, o jornal A Alvorada incitava no mesmo momento a Campanha Pró-Educação, que vislumbrava neste sentido a estratégia de busca de cidadania pelo povo negro. Infelizmente, o Suplemento Jaguareense dentro do Jornal A Alvorada, teve curta circulação, e isso acaba diminuindo a possibilidade de mapeamento de referências maiores sobre a prática do futebol na cidade a partir da imprensa negra. Outros jornais negros ainda não foram encontrados na cidade, mas é provável que existissem devido a vasta organização da comunidade em Jaguarão.

Apito final: uma prorrogação?

Busquei apresentar elementos que evidenciam o quanto o futebol foi prática social fundamental na construção da racialização na fronteira sul do país. O esporte, imposto como ideal por parte das elites, com a missão de elevar o projeto eugenista de sociedade brasileira, foi apropriado pela classe trabalhadora, sendo importante elemento de sociabilidade e da construção política das relações cotidianas. Processo também disputado pela comunidade negra, que usou do esporte enquanto espaço de integração, de denúncia do racismo e afirmação social de uma identidade negra positiva, que se opunha aos limites impostos pelas elites brancas naquela sociedade.

O futebol foi sendo ocupado pouco a pouco pelos grupos populares, dentre eles a comunidade negra, na luta por cidadania no Brasil, destacando-se a década de 1930 neste sentido. Muitas outras questões podem ser aprofundadas a partir destes estudos, como trajetórias individuais de lideranças negras, e as relações políticas que eram construídas a partir da comunidade negra, integrada com o conjunto da classe trabalhadora, mas também em relação às próprias elites. O futebol, tal qual o carnaval, as procissões religiosas, foi

⁶⁵ BPP. CEDOV. Jornal A Alvorada. Dia 29 de janeiro de 1933.

marcado pela construção política cotidiana das comunidades negras, na busca de cidadania, e que passava, como até hoje também, pela luta contra o racismo. Ainda, é preciso reconhecer, que a construção da prática do futebol na fronteira, perpassou as relações com comunidades negras e demais pessoas da classe trabalhadora do norte do Uruguai, o que evidencia um movimento de articulação da sociabilidade como política, que marcou a região fronteira da Pampa. Ainda há muito a ser aprofundado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; OLIVEIRA, Fernanda. A comunidade negra na fronteira entre Brasil e Uruguai: uma análise sobre o Pós-Abolição por meio dos Clubes Negros de Jaguarão e Melo em meados do século XX. *História Unisinos*, set./dez. 2021. p. 503-517.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. O Jaguareense no jornal A Alvorada (1932-1934): Imprensa negra e política na fronteira Brasil-Uruguai. *Métis: História e Cultura*, v. 19, p. 54-79, 2020.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; LIMA, Andréa da Gama. Territórios Negros em Jaguarão: revisitando o Centro Histórico. In: GASPAROTTO, Alessandra; FRAGA, Hilda Jaqueline; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Orgs.). *Ensino de História no CONESUL: Patrimônio cultural, territórios e fronteiras*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

BALLADARES, Ângela Pereira Oliveira. Rodolpho Xavier: trajetória intelectual na imprensa negra no Pós-Abolição. *Anais do 9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Florianópolis, 2019. p. 1-15.

BERUTE, Gabriel dos Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c.1790-c.1825*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Dissertação de Mestrado em História).

BOM, Matheus Batalha. *Liberdades racializadas: gênero, trabalho e crime na fronteira meridional (Jaguarão1870-1905)*. São Leopoldo: UNISINOS, 2022 (Tese de doutorado em História).

CUNHA, Carlos Otoniel Pacheco da. *“Nos julgamos compensados com o regosijo de ver nossa terra natal dotada com um teatro”*: a trajetória do Teatro Esperança (1886-1929). Jaguarão: UNIPAMPA, 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso em História).

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. (Tese de Doutorado em Antropologia Social).

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, [s.l.], v. 12, n. 23, 2007.

FRAGA, Gerson. *Uma triste história de futebol no Brasil: o maracanaço. Nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950*. Passo Fundo: Méritos, 2014.

FRANCO, Vinicius Costa. *O Jaguarense: protagonismo da fronteira na imprensa negra A Alvorada (1932-1934)*. Jaguarão: UNIPAMPA, 2023 (Trabalho de Conclusão de curso).

GOULART, Jorge Salis. *A formação do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livres; Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

LIMA, Taiane Anhanha. Representações de mulheres negras torcedoras nos campos de futebol de São Paulo no início do século XX. *Revista Aedos*, v. 13, n. 28, p. 93-125, 2021.

LIMA, Taiane Anhanha. *Clubes negros de futebol em Santa Maria no Pós-Abolição (1916-1932)*. Santa Maria: UFSM, 2023. (Dissertação de Mestrado em História).

MACKEDANZ, Christian Ferreira. *Racismo “nas quatro linhas”*: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Pelotas: UFPel, 2016 (Dissertação em História).

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

NETO, José Moraes dos Santos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

NUNES, Juliana dos Santos. *“Somos o suco do carnaval!”*. A marchinha carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto. Pelotas: UFPel, 2010. (Monografia em História).

OLIVEIRA, Fernanda. *As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no Pós-abolição (1870-1960)*. Porto Alegre: UFRGS, 2017. (Tese de Doutorado em História).

ORCELLI, José Nunes. *Os 103 anos do futebol jaguarense*. Jaguarão: Pallotti, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas: UNICAMP, 1998. (Tese de Doutorado em História)

RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas: Editora e Gráfica UFPel, 2004.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. *Outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações*. Niterói: UFF, 2013. (Dissertação em História).

SANTOS, José Antônio dos. *Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol*. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2008.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Ricardo Santos. O negro no futebol em Porto Alegre: um olhar sobre duas fontes gremistas. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). *À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do futebol (e outras coisas...)*. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. p. 127-144.